



ANACNUNES

A HEROÍNA
e
O GUERREIRO

Heroína - volume 1
conto ilustrado

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Table of Contents

[Title Page](#)

[Titulo](#)

[Ficha Técnica](#)

[Introdução](#)

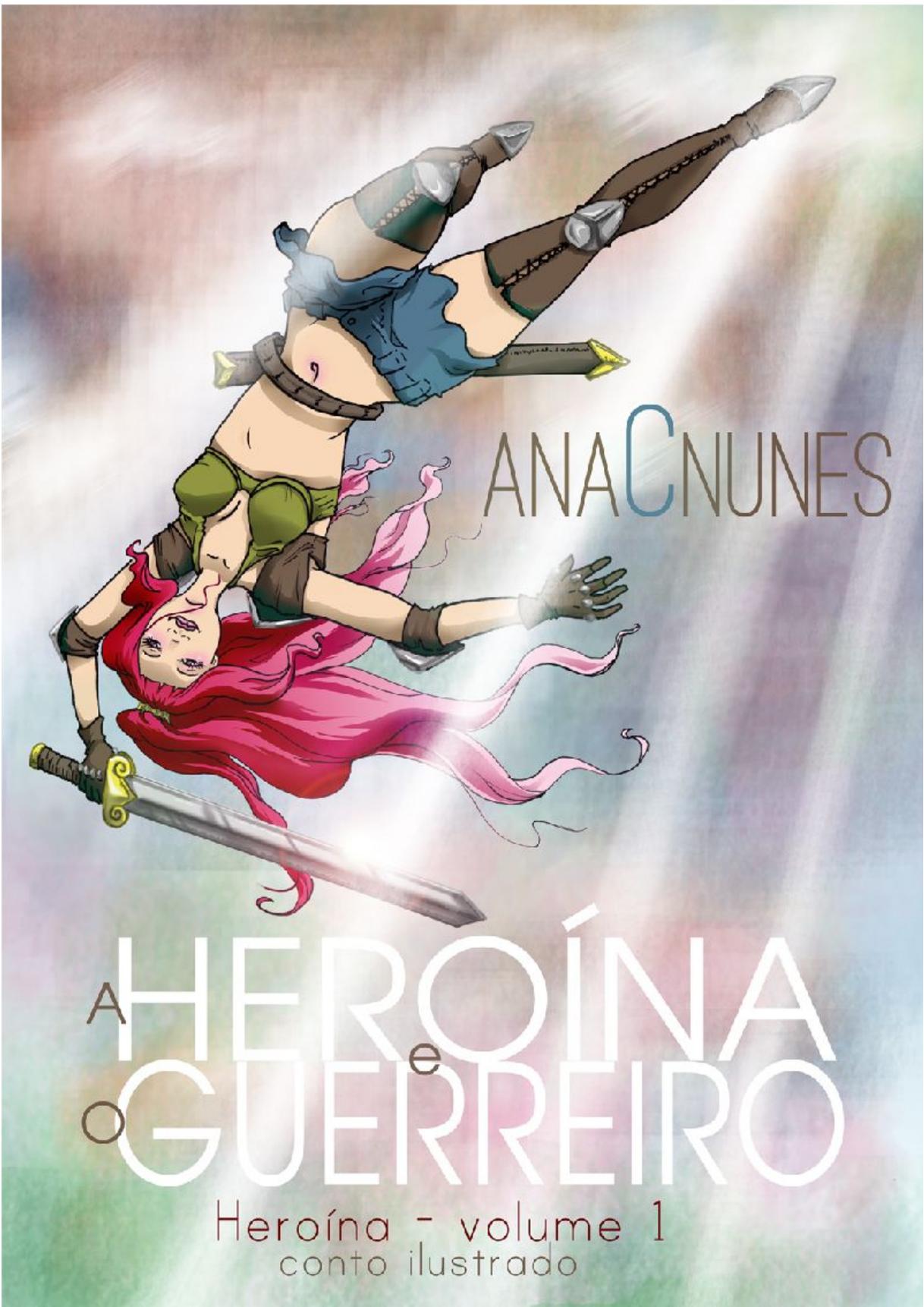
[Parte I](#)

[Parte II](#)

[Próximo e Links](#)

[Outros títulos da autora](#)

[Ebooks de outros autores](#)



ANANUNES

A HEROÍNA e o GUERREIRO

Heroína - volume 1
conto ilustrado

A HEROÍNA E O GUERREIRO

Heroína - Volume 1

um conto ilustrado de Ana C. Nunes

Ficha Técnica

Texto © Ana C. Nunes 2013

Capa e Ilustrações © Ana C. Nunes 2012/2013

Contacto da autora: anacorvonunes@gmail.com

Blog da autora: <http://capala.wordpress.com/>

Todos os direitos reservados a nível mundial.

Tipos de Letra da Capa: Tex Gyre Adventor © [GUST e-foundry](#),

Ostrich Sans © [Tyler Finck](#), Print Clearly © [Blue Vinyl Fonts](#)

Beta-Readers: Rui Alex, Rui Leite e Júlia Durand

1ª edição: 21 de Setembro de 2013

ISBN: 9781301026524

Smashwords Edition

Esta obra é propriedade de Ana C. Nunes e não poderá ser distribuída, copiada ou alterada, na totalidade ou em parte, sem autorização escrita da proprietária. Se gostar de ler esta história, por favor considere deixar um comentário no local de onde a adquiriu. A autora agradece.

Esta obra foi escrita segundo o novo Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa. Caso deseje ler uma versão diferente, por favor contacte a autora através do email (anacorvonunes@gmail.com). An English version of this ebook will be available soon. Please check the author's blog for more information.

Nota de Autor:

Esta história pretende ser entendida como uma sátira e não pretende, de forma deliberada, mostrar-se ofensiva. Quer-se apenas divertida.

Todas as personagens e acontecimentos são fictícios e qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

Introdução

Em tempos os heróis eram louvados, agraciados, venerados e bem recebidos onde quer que pusessem os seus pés corajosos, mas com tal recetividade vinham também responsabilidades. Não será por isso de estranhar que, em determinada altura, os heróis tenham começado a diminuir em número, força e determinação. É que atos heroicos não enchem panças nem protegem das espadas.

A nossa Heroína, chamada assim porque sua mãe sempre desejara ter alguém na família que fosse mais que um simples camponês, entrou na vida de coragem quando tinha apenas sete anos e salvou, das garras malélicas de um periquito, uma pobre minhoca indefesa. Desde então todos sabiam que ela viveria para enaltecer o seu nome.

Em vez de estudar matemáticas e letras, Heroína foi ensinada a manejar todo o tipo de armas: espadas, bestas, machados, alabardas, clavas, e uma infinidade de outros instrumentos de combate que pareciam ser demasiado grandes e possantes para alguém tão pequeno.

Mas de pequena, Heroína apenas tinha a estatura.

Parte I

Foi numa noite escura e tempestuosa que esta história não começou. Bem que se poderia ter iniciado num ambiente hostil mas, na verdade, a noite mostrava-se calma e muito luminosa. Por outro lado, o local onde tudo começou, não poderia ser mais cliché: a taverna 'Covil dos Mauzões', enfiada num beco escuro e mal cheiroso da cidade, tresandava ainda mais dentro de portas. A placa de néon brilhante nada fazia para esconder o local. No interior as mesas tinham apenas três pernas, as canecas estavam todas esbeçadas e os serventes guardavam facões nos aventais, como se de colheres do chá se tratassem.

No canto mais escuro da taverna, uma figura permanecia alheia à sétima rusga da noite. O homem de proporções pouco imponentes, não escondia os músculos bem definidos por baixo do fato preto e armadura pesada. Bebericando o seu sumo de laranja, acompanhado do respetivo chapeuzinho rosa-choque, o homem que se dava pelo nome de Guerreiro revirava os olhos aos quatro marmanjos que se esfregavam uns nos outros à sua frente. Suor, saliva e sangue voavam em todas as direções e, quanto mais a luta se aproximava do Guerreiro, mais ele ficava tenso, e mais os seus dedos se fechavam no cabo da massiva espada que guardava a seu lado.



Guerreiro apenas aguardava o momento certo.

E ele chegou, sob a forma de um perdigoto perdido na luta, que lhe aterrou em cheio no nariz.

A mesa perneta voou, a espada chiou ao cortar o ar e o grito primitivo que Guerreiro soltou, abafou todos os outros na taverna. Ele levantou a gigantesca espada retangular no ar e deu uma marretada na cabeça do paspalho cuja saliva o tinha atingido. O homem, já despido de roupa e de sobriedade, caiu no chão com os olhos à roda e as banhas a baloiçar. A taverna tremeu e ao terramoto seguiu-se um silêncio sepulcral.

Sem uma palavra, limpando o suor da testa e o resto de perdigoto do nariz, Guerreiro baixou-se para levantar a mesa perneta do chão, pousou a espada no comprido banco de parede e sentou-se numa precária cadeira. Cinco segundos depois, os restantes três marmanjos já se apalpavam violentamente de novo, sem grande cuidado em afastarem-se do local onde o outro tombara. Escusado será dizer que, três copos de sumo de laranja depois, eram quatro os corpos que alcatifavam a taverna.

Quando o quinto copo de sumo de laranja foi servido, Guerreiro tinha veias salientes na testa. De sobrancelhas carregadas sobre olhos

semicerrados, viu uma figura encapuzada aproximar-se da sua mesa perneta.

“Posso fazer-lhe companhia?” – A voz era claramente feminina, embora a figura não o sugerisse à partida. A culpa era do comprido manto cinzento-escuro que a cobria dos pés à cabeça.

“Dispensar a companhia.”

Ignorando a resposta, a mulher sentou-se no comprido banco da parede, mantendo-se cautelosamente afastada da lâmina da espada do Guerreiro. – “Fiquei muito impressionada com a sua exibição.” – Teatralmente abriu um braço na direção dos inconscientes. Por baixo do manto, Guerreiro apreciou-lhe os seis descaídos, totalmente cobertos por um longo vestido preto e antiquado.

Como resposta ofereceu-lhe apenas uma sacudidela de ombros e um sonoro sorver do sumo de laranja.

“Permite-me perguntar o seu nome?” – Ela debruçou-se sobre a mesa.

Lambendo os lábios, Guerreiro ergueu a cabeça e fitou a mulher de alto a baixo, sem lhe conseguir discernir qualquer feição para lá dos lábios que permaneciam impávidos e finos, e de uma outra ruga que os falqueavam. – “Aqui conhecem-me por Guerreiro Assassino. E quem sois vós?”

Os lábios esticaram-se num largo sorriso. – “O meu nome não é importante, mas eu andava à sua procura.”

“Ah sim?” – Voltou-se novamente para o sumo. O copo estava quase vazio. – “E que me quer?”

Um baque seco na mesa fez Guerreiro levantar os olhos. À sua frente estava um saco de pele da altura do copo de sumo e, pelo volume, ele soube que estava cheio de dinheiro.

Endireitando as costas, Guerreiro devotou toda a sua atenção à mulher encapuzada. – “Prossiga!”

Ela sorriu. – “Quero que mate um certo ... indivíduo.”

“Um homem?”

“Não se pode bem dizer que seja um homem.” – Levando uma mão à algibeira do manto, revelou uma foto já muito amachucada e cheia de furos. Nela figurava um bicho peludo, rechonchudo e de orelhas maiores que o corpo, de focinho rosado e olhos cor de relva.

“Mas o que raio é isso?”

Estendendo-lhe a foto, a mulher explicou. – “Esse ... indivíduo dá-se pelo nome de Mascote. É uma criatura irritante e eu quero vê-lo morto!” – A intensidade com que disse a última palavra chamou a atenção do Guerreiro.

“Deve ser muito perigoso, se está disposta a pagar tanto para o ter morto.”

“Não! Perigoso não é, mas é um chato, um calo no meu pé, e eu quero-o morto.”

Erguendo o sobrolho, Guerreiro esticou-se na cadeira e largou a foto em cima da mesa. – “Não estou interessado!”

À mulher quase lhe saltou o capuz. – “Como assim? Já viu o dinheiro que lhe ofereço?” – E para dar ênfase, enxovalhou o saco de pele na direção dele.

Guerreiro cruzou as pernas. – “Não se trata de dinheiro. Disso tenho eu muito. Simplesmente o trabalho não me alicia.” – Espetou um dedo no meio do focinho da foto. – “Qualquer um pode matar esta coisa.”

“Oh, mas aí é que se engana!” – A voz dela saiu esganiçada.

“Vai dizer-me que ele é superpoderoso?”

“Não! Que disparate!” – A mulher voltou a remexer no bolso do manto e retirou de lá outra foto ainda mais amarrotada e com buracos ainda maiores. Parecia ter sido usada para tiro ao alvo. Entregou a foto diretamente na mão do Guerreiro. – “Veja você mesmo.”

Lentamente ele desviou a atenção para o papel e quando os seus olhos registaram o rosto lá retratado, ficou lívido. Uma rapariga de cabelos rosados ondulados, corpo escultural e que carregava uma grande espada na mão, sorria para o bicho azulado.

“Heroína?”

“Andam sempre juntos, os dois. São tipo unha e carne.” – A mulher brincava com uma mecha de cabelo azulado que lhe caíra do esconderijo do capuz. – “Vocês conhecem-se, verdade?”

O sorriso que lhe esticou os lábios, não se alastrou aos olhos. Ao invés, Guerreiro tinha neles um fogo indomável. – “Eu e ela temos contas a ajustar.”

“Foi o que ouvi dizer.” – Voltou a arremessar o saco de dinheiro para as mãos dele. – “Você mata o Mascote e, no processo, mata também a Heroína. Não lhe parece aliciante o suficiente?” – Olhos violeta brilharam por debaixo do capuz, revelando-se pela primeira vez.

“Sabe onde a posso encontrar?”

“Claro que sim! Estão a caminho das montanhas de Leste.”

O Guerreiro levantou-se de um salto, pegou na espada e no saco do dinheiro, atirou algumas moedas para cima do balcão, e saiu disparado para a rua, sem aguardar mais instruções ou pensar duas vezes.

A mulher deixou-se ficar no banco, bebericando o que restava do sumo de laranja, de pernas cruzadas e sorriso nos lábios.

“Tão fácil ...”



Parte II

O dia estava radioso e os campos verdes. A Primavera chegara em força e colorira as montanhas de Leste com a vivacidade que só a nova estação conseguia. Heroína acampara no cume de uma das montanhas, de onde dispunha de uma das vistas mais bonitas de toda a região florida e extensa. O seu cabelo cor-de-rosa quase parecia brotar no meio dos campos envolventes.

Levantou-se ao raiar do sol e espreguiçou-se. Desceu da árvore que lhe servira as vezes de cama. Aterrou na erva fresca, bebeu o orvalho das folhas de algumas plantas e voltou a espreguiçar-se.

“Está um belo dia!”

Uma voz rancorosa veio do cimo da árvore. – “Só se for para ti.”

Um estranho animal, peludo e azul, com umas orelhas maiores que o corpo e uma cauda comprida que terminava numa folha verde, desceu em voo na direção dela. Mascote acompanhava a Heroína desde há um ano e as circunstâncias que os uniram foram, no mínimo, bizarras. Mas isso é história para outro momento.

Prendendo os seus longos cabelos cor-de-rosa num carrapito alto, Heroína sorriu ao seu companheiro. – “Acordas sempre mal-humorado.”

“E tu passas a vida a constatar o óbvio.” – Abanando o pêlo em pleno ar, Mascote esfregou os olhos com as suas minúsculas e redondas patas rosadas. – “Estou cheio de fome!”

“Já não temos grandes provisões. Vamos ter de ir à cidade.”

Ajeitando o seu minúsculo top verde e os calções azuis, Heroína apertou o cinto à volta do corpo, vestiu as braçadeiras, as ombreiras, as joelheiras e as luvas, determinou-se pronta a seguir viagem assim que embainhou a espada.

Mascote estudou-lhe a vestimenta e revirou os olhos, levando as patas à cabeça mas abstendo-se de tecer qualquer comentário. Seguiu-a colina abaixo em direção ao vale. Teriam de cruzar duas montanhas antes de encontrarem a próxima cidade, o que significava que iam viajar de estômago vazio, e o seu já roncava de fome.

Ao alcançarem o cimo da primeira montanha, avistaram no meio das árvores um vulto.

“Graças a Deus! Espero que tenha comida.” – Mascote voou na direção do estranho, sorrindo. – “Oláaaaa!”

Heróína sorriu com ele, mas manteve-se à mesma velocidade. – “Não o assustes.”

As sombras das árvores não deixavam perceber mais que um vulto encorpado e, na sua mão direita, uma espada massiva!



Mascote só viu a arma quando estava quase em cima do homem e só teve tempo de gritar como uma menina e saltar no ar. Esquivou-se da lâmina por milímetros.

“Car#\$&%!” – Bateu com a cabeça num ramo baixo da árvore mais próxima, rebolou no ar, quase caindo ao chão e assim que recuperou o equilíbrio saiu em voo disparado na direcção da Heroína. – “Ele tentou matar-me!” – Só parou nos braços abertos dela.

Heroína semicerrou os olhos ao estranho. Algo no vulto lhe parecia familiar mas, estando este ainda coberto pelas sombras, não conseguia ter a certeza do que via.

“Ele é estranho, mas não morde. Não precisavas atacá-lo.” – Heroína pressupôs que o ataque havia sido um ato impensado. O Mascote discordou.

“Ele tentou matar-me, porra!”

Heroína fez uma festa na cabeça do seu companheiro e ele derreteu-se com o contacto, esquecendo-se completamente dos protestos que ainda guardava na boca.

“Acalma-te. Pode ter sido um mal-entendido.”

O estranho cedo lhe tirou as dúvidas. - “Não foi mal-entendido nenhum.” – O seu rosto saiu finalmente das sombras e Heroína reconheceu-o de imediato.

“Guerreiro?”

Ele sorriu. Caminhava com confiança, segurando com apenas uma mão a gigantesca espada que mais se assemelhava a uma pá retangular de alto a baixo e que prometia pesar quase tanto como ele. Dividida em três lâminas, duas mais espessas nas laterais e uma mais fina no meio, impunha um respeito que o rosto quase amistoso dele não conseguia imitar. De feições retangulares, cabelo castanho claro curto com algumas mechas a fugirem-lhe para os olhos, um tronco triangular e umas pernas fortes, ele mantinha ainda uns olhos meigos que anos de vida dura não haviam conseguido apagar.

“Há muitos anos que não nos vemos.” – Heroína não tirou os olhos da espada nem do sorriso pouco amigável dele. – “Estás com ótimo aspeto.”

“E tu continuas igualzinha.” – Parou a alguns metros dela e olhou-a de cima a baixo, parando por alguns instantes nos peitos fartos dela, cobertos apenas ligeiramente pelo top verde de atar à volta do pescoço. – “E continuas muito confiante, ao que vejo.”

Não querendo aprofundar o tema, ou não fosse Guerreiro um dos que mais criticava a negação dela em usar uma armadura mais

completa e roupa para cobrir o corpo todo, ela mudou de assunto. – “O que te traz por estas bandas?”

“Trabalho.”

Mascote mantinha-se escudado atrás de Heroína, lançando na direção do Guerreiro olhares recriminatórios.

Mirando a sacola que ele trazia ao ombro, Heroína fez um gesto com a cabeça, apontando para o saco. - “Por acaso não trazes mantimentos que possas partilhar?”

Ele escarneceu e ela retesou-se com o som, levando uma mão à bainha da própria espada.

“Não vais precisar de comida.”

Guerreiro atirou a sacola para o chão, deixando-a rebolar encosta abaixo. Mascote ficou a olhá-lo, ponderando se seria seguro voar atrás dos mantimentos. Heroína desembainhou a sua espada e pôs-se em posição de combate, com as pernas separadas, o tronco inclinado para a frente e os olhos fixos no oponente.



“Trabalho, dizes tu?”

Inclinando a cabeça num gesto quase cómico, Guerreiro soltou uma gargalhada. – “Há muita gente que te quer ver morta.”

“Já ouvi dizer que sim.”

Ele deu um passo em frente e depois começou a circundá-la, como um leão que se prepara para atacar a presa. – “Não é nada de pessoal ...”

Rindo-se, ela disse. – “Pois claro ...”

O assassino retribuiu o sorriso. – “Ok. É algo de muito pessoal, mas não há problema em ganhar uns tostões fazendo o que sonho em fazer há muito tempo.”

Mascote elevou-se no ar em frente à Heroína. – “Mas afinal o que é que tu fizeste a este parvalhão?”

Sem olhar para o seu parceiro, ela respondeu. – “Venci-o nos treinos.”

O sorriso sumiu dos lábios dele. – “A mim e a todos cento e noventa e nove homens que estavam na armada naquele tempo.”

Heroína sacudiu os ombros. – “Ou isso.”

Mordendo o interior da bochecha, o assassino parou e apertou com força o cabo da espada. – “Ridicularizaste-nos!”

Heroína abriu a boca para ripostar mas o Mascote meteu-se entre os dois e gritou. – “Por amor de Deus, homem! Andas a guardar rancor há quantos anos?”

“O tempo é irrelevante!”

“Vira a página ---” – Ia continuar a insultá-lo mas ao invés teve de esquivar-se a mais um lance da espada. Voou para detrás da Heroína, suado e irritado, abanando as pequenas patas no ar. – “Mata-o, Heroína! Mata-o!”

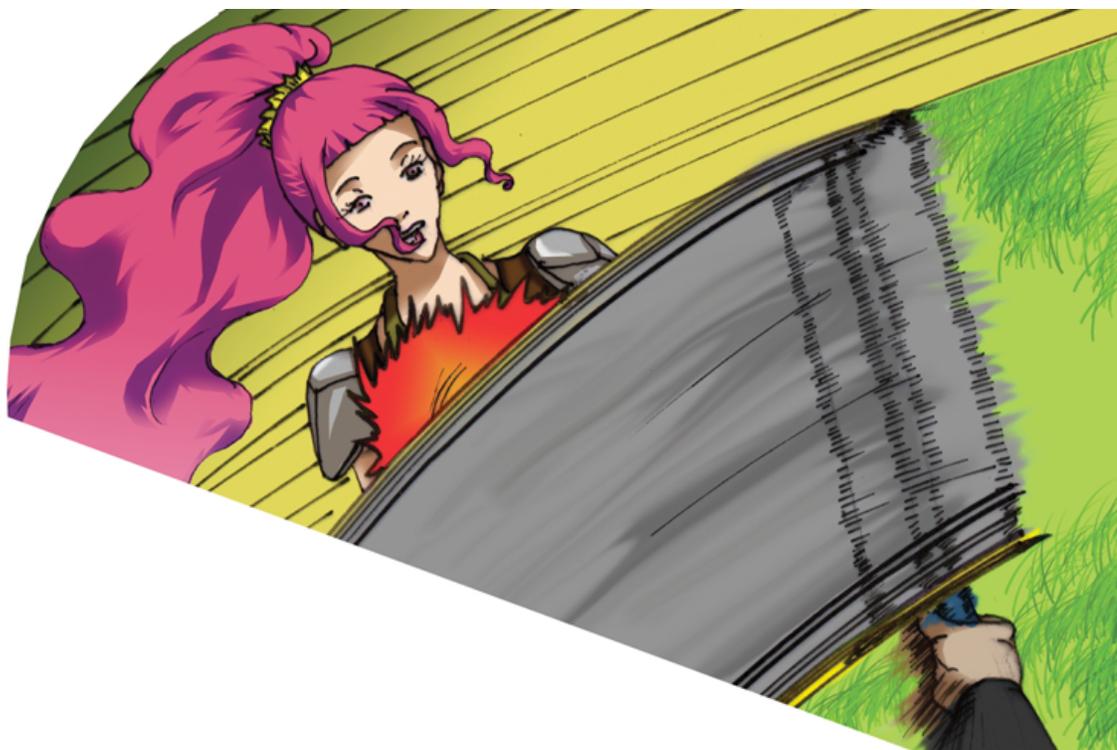


Guerreiro foi o primeiro a atacar. Elevou a massiva espada no ar em direção à Heroína. Ela esquivou-se para trás e quase deu uma cabeçada no Mascote, que estava próximo demais. Sem perder o equilíbrio, balançou a espada para a direita e por pouco não acertou no estômago do adversário.

As veias no rosto de Guerreiro saltavam à vista e as suas mãos estavam roxas com o esforço para tentar manter a descomunal espada direita.

Heroína atacou uma vez mais, um golpe mais baixo, que ele evitou com pés saltitantes, quase caindo de costas, mas recuperou mais depressa do que ela contava, atacando pela esquerda.

O Mascote gritou quando a lâmina trespassou a pele do peito da rapariga. – “Heroína!”



Ela cambaleou para trás. Sangue jorrou-lhe do seio direito e o top, cortado a meio, escorregou-lhe pelo peito.

Guerreiro preparou-se para desferir novo ataque mas, ao invés, congelou. Não conseguia desviar os olhos das mamas dela, especialmente da direita, que estava totalmente exposta. E à medida que pequenas gotas de sangue escorriam pelas curvas da rapariga, ele foi sentindo o seu sangue viajar para bem longe das suas extremidades. Perdeu as forças nas mãos, deixou cair a espada e caiu de joelhos. Sem nunca desviar os olhos.



Mascote, que tapara os olhos com as asas quando o golpe fora desferido, atreveu-se a espreitar quando o silêncio se instalou. Ao ver o Guerreiro de joelhos, planou até junto da Heroína.

“O que é que aconteceu?”

Ela sacudiu os ombros, desinteressada. Os seus braços ainda seguravam a espada em posição de combate. – “Sei lá!”

“E a tua ferid-d-d-d-d-daaaaa!” – Ao olhar para o peito dela, Mascote começou a gaguejar. Enrubesceu até às orelhas e depois gritou. – “Estás com a mama à mostra!”

Ela olhou para baixo. – “Ah, pois. Tens razão.” – Mas não mexeu um dedo para remediar a situação.

Mascote voltou a cobrir os olhos com as orelhas, já mais vermelho que azul. – “Mas tu não tens vergonha nenhuma, rapariga?”

Ela tornou a sacudir os ombros. – “Depois de três anos num campo de treino com duzentos homens, a vergonha desaparece.”

Levando as patas aos ouvidos o Mascote ficou, de vez, completamente vermelho. – “Por favor, não digas mais nada! Não quero saber o que fazem duzentos homens a uma rapariga.”

“Mas ãã---”

“Não quero ouvir! Não quero!” – E continuando a gritar e a ignorar o que quer que ela estivesse a tentar dizer, Mascote afastou-se.

Heroína decidiu deixar o seu companheiro espairecer e, sem se compor, aproximou-se do Guerreiro cuja cabeça acompanhava os movimentos dos seus seios à medida que caminhava. E quando ela se baixou para abanar uma mão à frente dele, o homem abriu a boca, balbuciou algo de incoerente e caiu para trás, inconsciente e babado.

Heroína ergueu um sobrolho, sacudiu os ombros, e virou-lhe costas. Pegando na parte mais baixa do top rasgado, atou as pontas separadas num nó improvisado e só então viu o corte que a espada deixara na sua pele.



"Oh não! Está roxo e estou a sangrar." -Virou-se novamente para Guerreiro e fez um beicinho. – "Não precisavas ser tão bruto." – Mas ele não a ouviu, perdido nos seus delírios.

O Mascote caiu em voo picado sobre o corpo inconsciente do Guerreiro e começou a saltar em cima da barriga dele, como se ele se tratasse de um trampolim. - "Toma e toma e toma! Esta é por me teres assustado e esta é por teres magoado a Heroína. E esta ..."



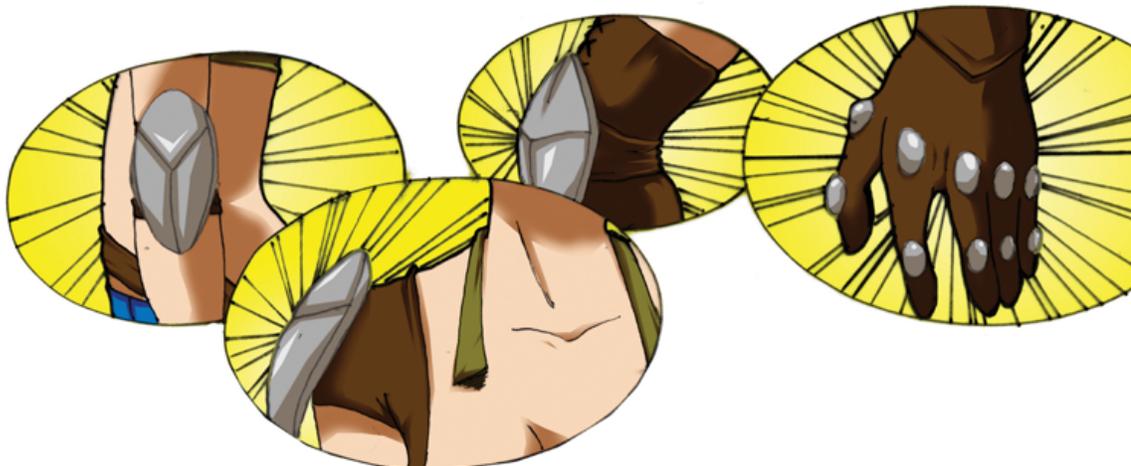
Heroína desceu a encosta e apanhou o saco que Guerreiro tinha atirado. Lá dentro encontrou pão e queijo, assim como água fresca. Comeu e bebeu um pouco antes de chamar pelo companheiro para partilhar a refeição. Mascote devorou tudo até à última migalha, justificando que não ia deixar nada para o imbecil que tinha tentado assassiná-la.

“Mas isto é tudo culpa tua!”



Heroína ergueu um sobrolho. – “Minha?”

“Claro que sim!” – Apontando uma pata na direção dela, foi analisando a vestimenta dela. – “Chamas a isso uma armadura? Joelheiras, cotoveleiras, ombreiras e biqueiras não te protegem os órgãos vitais! Ao menos devias usar um peitoral.”

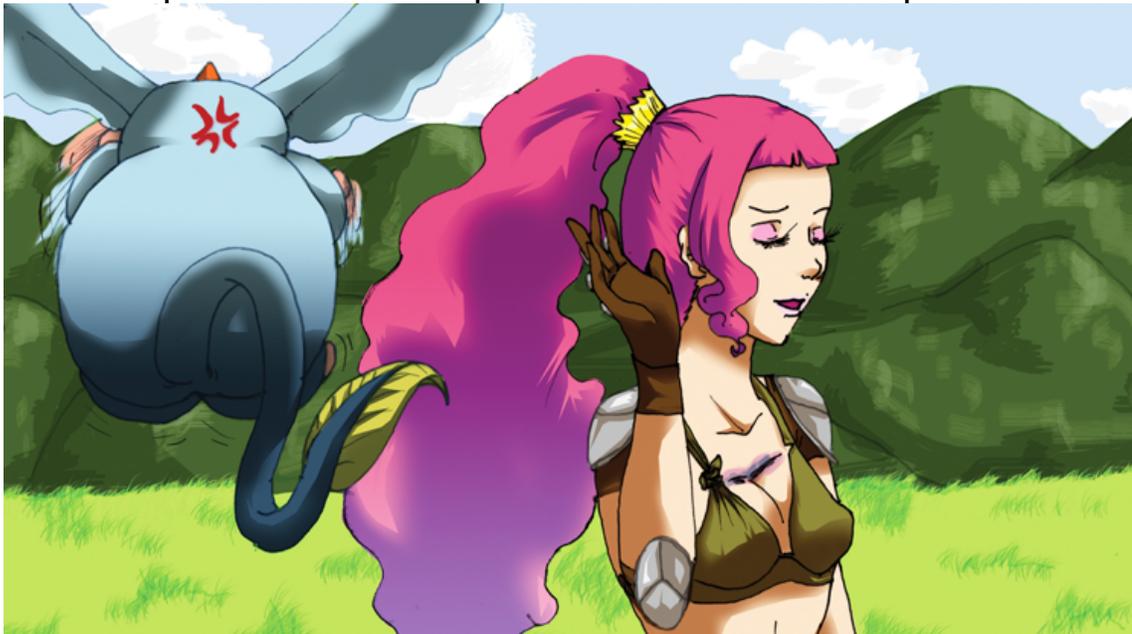


Ela voltou a fazer beicinho. – “Mas, Mascote, os peitorais são tão inestéticos. E não estão nada na moda.”

Ele quase explodiu, abanando vigorosamente as patas no ar. – “Mas tu queres sobreviver, ou estar na moda?”

Heroína respondeu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. – “Estar na moda, claro.”

Mascote quase rebentou naquele instante.” – Tu és impossível.”



Ela sorriu. Juntos partiram em direção à cidade do outro lado da montanha, e a uma nova aventura.

FIM

Próximo capítulo: "**A Heroína e o Vilão**", será lançado brevemente. Visitem o blog e mantenham-se informados sobre as novidades.

Nota Final

Adoraria saber a sua opinião sobre este "A Heroína e o Guerreiro". Para isso pode contactar-me através do email anacorvonunes@gmail.com, ou visitar o meu blog <http://capala.wordpress.com>. Poderá também publicar a sua *review* no Goodreads e/ou na loja onde adquiriu este *ebook*.

Publico contos e romances regularmente. Para se manter atualizado/a siga-me no Facebook e visite o meu Blog.

Outros contatos:

Facebook: <https://www.facebook.com/anacorvonunes>

Twitter: https://twitter.com/ana_c_nunes

Google+: <https://plus.google.com/102366503386503953246>

LinkedIn: <http://www.linkedin.com/in/anacnunes>

Goodreads:

http://www.goodreads.com/author/show/6054388.Ana_C_Nunes

Outros trabalhos da autora:



"Angel Gabriel - Pacto de Sangue", um romance de fantasia e terror

Há 165 anos Gabriel não acreditaria se lhe dissessem que 13 pessoas seriam suficientes para levar os humanos à quase extinção. Menos ainda creia se lhe dissessem que tal aconteceria, em grande parte, com a sua ajuda. Mas nem sempre aquilo em que acreditamos acaba por acontecer.

Angel nasceu num refúgio subterrâneo onde humanos adoram o sol e temem a lua, onde a magia substitui as armas de fogo e o silêncio é a melhor proteção contra os predadores: vampiros. Ambos estão mais preocupados com a sua sobrevivência do que com o mundo que está prestes a desintegrar-se, mas quando uma maldição os força a um mútuo acordo, já não será somente a própria sobrevivência que vingará.

Conseguirão eles encontrar um equilíbrio, ou morrerão em discórdia?

Mais informações em:

<http://capala.wordpress.com/bibliografia/romances/angel-gabriel/>

Faça download no Smashwords:

<https://www.smashwords.com/books/view/304858>



"A Última Ceia", disponível como ebook gratuito

O Natal é uma época para a família, em que os membros que não se veem há muito tempo, se reúnem à mesa, partilham histórias, sonhos, alegrias e uma refeição tradicional. Mas neste Natal a ceia é tudo menos convencional. Uma delícia que poucos têm oportunidade de provar. Um jovem aborrecido e descontente, em busca de aventuras noturnas numa casa perdida à

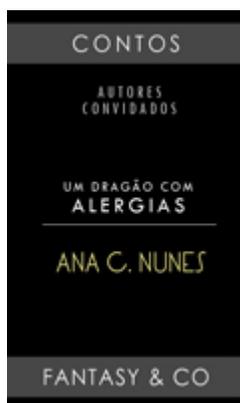
beira-rio, irá encontrar muito mais que prendas debaixo da árvore de Natal. Uma refeição pode esconder muitos segredos ...

Mais informações em:

<http://capala.wordpress.com/bibliografia/contos/a-ultima-ceia/>

Faça download no Smashwords:

<https://www.smashwords.com/books/view/268120>

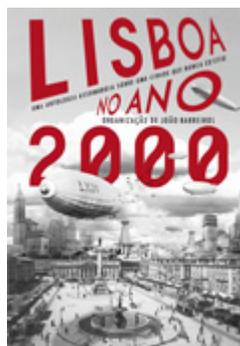


"Um Dragão com Alergias", disponível como ebook gratuito

Numa terra de dragões, os do fogo sentem-se menosprezados. Um pequeno e curioso dragão decide quebrar as regras e explorar para lá do seu território. Longe da família e dos amigos, ele descobrirá que até as coisas mais belas podem ser incómodas.

Mais informações em:

<http://capala.wordpress.com/bibliografia/contos/um-dragao-com-alergias/>



"Electro-Dependência", publicado na antologia "Lisboa no Ano 2000" pela Saída de Emergência em 2013

José Carvalho podia ser apenas mais um reparador de velharias, mas não é. Ele trafica a nova droga da moda, Elec, mas não é esse o seu único segredo e nem o seu maior medo é ser apanhado a traficar. Um pequeno erro vai custar-lhe o que tem de mais preciso, a liberdade. E o que será ele capaz de fazer

para a recuperar?

Mais informações em:

<http://capala.wordpress.com/bibliografia/contos/electro-dependencia/>

Ebooks de outros Autores:

"Urbânia", de Carlos Silva

Que influência terá sobre Lisboa a cidade em movimento, onde os sonhos e a lucidez se vendem como um mero produto? As duas cidades estão em rota de colisão e Hugo sabe que é a única oportunidade de alguma vez conseguir passar de uma para a outra, mas para isso terá de compreender o que os Lobos lhe dizem. Um romance sobre ciclos que se cruzam e entrecruzam, onde a única constante é a mudança

Na loja Smashwords:

<https://www.smashwords.com/profile/view/carlossilva>

"A invenção de um conto de fadas", de Manuel Alves

Seria bom que todas as histórias entre duas pessoas que se gostam terminassem em verdadeiros contos de fadas. A vida é outra coisa. Se querem uma história em linha recta, não leiam este romance. No início, é uma chama que arde lenta. No meio, fala de amor como apenas o amor sabe falar de si. No fim, umas coisas acabam e outras começam. É um fim um bocado mentiroso.

Na loja Smashwords:

<https://www.smashwords.com/profile/view/manuelalves>

"À Morte Vou Buscar-te", de Ágata Ramos Simões

Catarina e Rui amam-se, mas sentem dificuldade em dizê-lo. A relação entre ambos não é fácil, sendo feita de amuos, silêncios, dor e incompreensão. Carlos Valério foi incumbido por um amigo, Monteiro, com a difícil tarefa de encontrar uma mulher chamada Beatriz. A sua função é a de entregar-lhe uma mensagem urgente, mal descubra esta misteriosa mulher, cujo teor ele próprio

Na loja Smashwords:

<https://www.smashwords.com/profile/view/agata>

"Dragões de Simir", de Sara Farinha

Não existe paz para os que anseiam a luta. Não há redenção para aqueles que perdem a sua humanidade. Os metamorfos de dragão sobrevivem num complicado equilíbrio entre a metade humana e animal. Destinados a conter a sua natureza para a sobrevivência da espécie. A temperança do dragão dependente das qualidades morais humanas... Uma ironia trágica.

Na loja Smashwords:

<https://www.smashwords.com/profile/view/sarafarinha>

"O complexo de Golconda", de Pedro C.P. Martins

Libsterdam é assolada por uma psicose epidémica, uma disfunção do ego que torna os cidadãos obsessivos pelas escolhas que não fizeram nas suas vidas. Mas há uma empresa que luta contra esta patologia urbana, ministrando a cada cidadão a possibilidade de viver em pleno as vidas paralelas que foram sendo deixadas para trás ao longo das bifurcações do caminho.

Na loja Smashwords:

<https://www.smashwords.com/profile/view/pedrogpmartins>